

e-books

NÚCLEO DE FORMAÇÃO



Formação da  
**Personalidade 4**



## **Curso Formação da Personalidade com Bruno Lamoglia**

### **Aula 04 - O ser em Sociedade**

#### **SINOPSE**

A geração atual busca incessantemente a felicidade ao mesmo tempo em que foge do sofrimento. Nesta aula, o psiquiatra Bruno Lamoglia explica por que, na verdade, essa é a fórmula para a infelicidade.

#### **OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM**

Ao final desta aula, espera-se que você saiba: a ascensão da personalidade e o senso de direção na sociedade; o que a mito de Ísis e Osíris pode nos ensinar; quais são as diferentes gerações; a relação entre sofrimento e prazer; os problemas na formação atual; os quatro arquétipos ideias de uma sociedade perfeita.

#### **1. INTRODUÇÃO**

Nesta aula, vamos falar sobre o ser dentro da sociedade, expressando-se dentro de um contexto em que está inserido. Em nossa primeira aula, abordamos a formação do ser, como é esse ser. Na segunda aula, falamos novamente sobre a formação do ser, mas com enfoque na educação. Então, basicamente, começamos falando do eixo central, passamos para como fazemos a ascensão, depois, tratamos de como conseguimos criar, ajudar ou determinar o caminho de um outro ser.

#### **2. O SENSO DE PERTENCIMENTO**

##### **2.1. A Persona**

Nós humanos somos criaturas sociais. Precisamos estar em sociedade. Isso pode ter ocorrido após alguns milhões de anos na Terra, no momento em que percebemos que a união faz a força. Simples assim. Só que, quanto mais uma sociedade cresce, mais complexa vai se tornando, e começamos a tentar entender isso dentro de um contexto interno, dentro de nós, em relação ao

ambiente externo, porque isso também é passível de muitos desentendimentos.

A personalidade é uma ferramenta de ascensão. Nós também temos certas missões. Você vai conhecer, dentro da sociedade, pessoas que estão desamparadas, que estão desvirtuadas, pessoas que estão mais ligadas ou à doença ou à maldade. Maldade seria a ausência do bem, mas, às vezes, a pessoa age de uma forma cruel mesmo pautada nas boas intenções.

De novo, eu gostaria de convidar vocês a perceberem o ser humano como um organismo ou até o planeta como organismo. Imaginem mesmo o organismo respirando, pulsando, como se tivesse uma bomba, como se tivesse um pulmão, como se tivessem órgãos. Assim é uma sociedade. Dentro desse construtivismo sócio-político, começamos cada um a ter uma própria função. É por isso que a gente precisa de uma boa formação. É por isso que a gente precisa de algum adulto, no caso de uma criança passando para o mundo adulto, dizendo: 'Você está pronto. Agora, nós precisamos de você e precisamos de você saudável. Precisamos de você, aqui, trabalhando, se entregando, sendo útil'. Esse é o momento no qual você adquire a sua função e adquire, assim, o seu valor.

Quando falamos dessa parte mais ligada ao ser dentro da sociedade, usamos a *persona*, que seria a máscara com a qual começamos a nos apresentar para as pessoas. A *persona* tem tudo a ver com a personalidade. Claro que de formas diferentes. A personalidade da qual falei antes, que está relacionada à ascensão, tem um contexto de como receber, de como ver, mas, no final das contas, isso não deixa de ser uma máscara. Isso não é de uma forma ruim, uma forma negativa ou pejorativa. Essa própria máscara, que vou chamar de escudo refletor, reflete o mal interno e o mal externo. Quando você tem uma boa máscara ou um escudo, que consegue refletir os dois lados, é onde você também está apto a desenvolver essa personalidade e abrir caminho pautado dentro dessa sociedade.

## **2.2. A Identidade Histórica**

Quando você faz isso durante muito tempo, a sociedade também adquire uma identidade, que seria uma identidade histórica. Você começa a olhar para trás e falar: 'Assim foi a história do Brasil'. Essa parte eu vou deixar para outras áreas, para outros estudiosos, mas é uma das forças que podemos vir a ampliar.

Quanto mais pessoas ascendem na personalidade, quanto mais pessoas estiverem lá em cima conseguindo ver tudo como um todo, conseguindo ver o Brasil como um organismo e a si próprias como uma própria organela, como um órgão funcional, começamos a fazer um senso de direção. É como eu falei sobre as sombras de Jung. A pessoa consegue olhar para trás e conhecer o que é podre na história do Brasil e também saber para onde quer que o Brasil vá. Essa pessoa começa, em um senso comum, melhorando a si mesma e melhorando o outro. Ou seja, a pessoa melhora a si mesma, consegue melhorar o seu filho, consegue melhorar um pouco a sua família - a família, às vezes, é difícil -, consegue melhorar seu bairro, consegue fazer um trabalho um pouco melhor, e, assim, o Brasil ganha como um todo. Isso, depois de muito tempo, vai fazer uma identidade histórica.

Tomemos o caso da Polônia, por exemplo. Por que eles conseguem tomar uma decisão um pouco mais sábia do que os outros países ao seu redor? Porque eles mantiveram vivo dentro deles, dentro da consciência, acontecimentos terríveis que se tornaram as sombras deles. Então, eles rejeitam aquilo, eles falam: 'Isso aqui eu não quero. Nós sabemos que conseguimos passar por cima disso. Nós conseguimos resolver os problemas do nazismo e do comunismo'. Quando conseguimos ter esse senso, falamos: 'Isso aqui não queremos não'. E é assim que funciona a sabedoria humana. Você pega um pouco da sua história, seja ela, para quem é reencarnacionista, até de outras vidas, e você usa na sabedoria. Ou pelo menos do teu passado. Você fala: 'Isso aqui eu sei que eu não quero, isso aqui eu sei que eu quero'.

Quando você faz isso durante muito tempo, sabemos que esse senso de identidade, esse sentimento aumenta muito a sua força. Muitos dos meus pacientes e dos pacientes em geral na psiquiatria adoecem porque não tem o

sentimento de pertencimento, às vezes nem do pertencimento familiar. A pessoa não tem ninguém ou sua família é maluca, ou os familiares são agressivos ou foi abandonada, enfim. Qual é o amparo que essa pessoa tem se nem o núcleo familiar existiu? E agora vamos falar sobre núcleo brasileiro. Temos isso ou não? Temos quase nada, é quase nulo esse sentimento de fraternidade brasileira. Temos que criar. Quem está assistindo a essa aula, meus pacientes, meus amigos, eu mesmo.

Muitas vezes temos a pulsão *kama-manásica*, a mente racional. Qual é a grande pulsão da mente racional? A grande pulsão da mente racional é o egoísmo. Dentro de um corpo humano, como se comportaria uma célula egoísta? É a célula do câncer. Como o câncer se comporta? O câncer fala: 'Dane-se o organismo. Nem que eu o mate, mas eu preciso sobreviver. E eu vou ter filhos - que é a metástase -, e meus filhos vão pensar neles também'. E assim se desenvolve um câncer. É a mentalidade egoísta.

Existem alguns terapeutas que trabalham com essas visões, como eu sempre uso também, de 'o que está em cima, está embaixo'. Por exemplo: quando você tem a força de subir uma montanha, você está demonstrando para o seu corpo que você tem o senso de eficácia, que você consegue passar uma dificuldade, consegue passar um desconforto físico. Por isso, quando recomendo aos meus pacientes que tomem banho frio, sugiro isso não só pelo aumento da testosterona, mas também pelo aumento da tolerância ao desconforto. Ao ter a capacidade de tolerar o desconforto, você começa a dominar a esfera física. Isso vai aumentando. Às vezes, depois, você consegue dominar a intolerância ao desconforto emocional. Depois disso, você também consegue tolerar os problemas da mente. Isso é aquela história que eu contei do sábio que abriu mão da pedra de \$10 milhões. Essa pessoa se livrou de uma certa escravidão mental.

Quando você leva esse sentimento para uma sociedade, você cria uma força interna e externa e você tem um sentimento de amparo. 'Ah, Bruno, mas no Brasil não tem'. Criem! Simples, vamos criar. Isso demora muitos anos. O Brasil é um país extremamente novo do ponto de vista histórico. Cabe a nós

criarmos e valorizarmos essa história. Até aqui na Brasil Paralelo tem cursos de história, muito bons, por sinal. Eu vi um sensacional.

### **2.3. A Mitologia Egípcia**

Eu quero contar para vocês uma mitologia egípcia, muito interessante, que até já foi religião. Lá no Egito, existe a história de um casal: Ísis e Osíris. Esse casal é o arquétipo do pai e da mãe. Eles são Deuses antigos, superpoderosos. No entanto, Osíris, o masculino, está velho e decrépito. Há um terceiro personagem que é Seth. Seth é o grande inimigo, é a personificação do mal. Seth é tudo que não queremos. Seth e Osíris tem uma batalha muito grande, na qual este último perde um olho. Ísis e Osíris têm então um filho, Hórus, que é o cabeça de águia. Prestem atenção na simbologia dessa história. Hórus é muito poderoso. Ele é a representação da juventude dentro da sociedade. Ao mesmo tempo, é submisso aos pais dele. Isso é perfeito. Não é assim que tem que ser? Hórus é a força física, mas tem, por trás de si, a sabedoria de seus pais, superpoderosos. Hórus tem olhos de águia pois seu pai já está cego. Hórus luta com Seth e o expulsa, ou seja, expulsa o mal. Entretanto, Seth não morre. O mal não morre, está sempre à espreita. Então, com os olhos de águia, Hórus fica olhando do topo, lá no horizonte, onde está esse mal. É perfeito para sociedade. Você usa a força da juventude, com respaldo da sabedoria dos antigos, com os olhos sempre mirando para o mal, que teoricamente já foi expulso e que fica espreitando. O mal está sempre espreitando. Essa mitologia egípcia é sensacional para nós. Podemos usar isso, dentro de um contexto social, de uma maneira muito expressiva.

### **3. AS DIFERENTES GERAÇÕES**

Dentro dos acontecimentos que nos trouxeram até onde estamos hoje, gosto de abordar um conceito sociológico ou socioantropológico que são aquelas divisões de gerações.

### **3.1. A Geração dos *Baby Boomers***

A primeira geração que conhecemos são os *baby boomers*, que são os nascidos entre 1945 e 1960. O que aconteceu nessa época? Essa é a geração do pós-guerra. Eles tinham acabado de sair da guerra. E como é o mundo pós-guerra? O mundo pós-guerra é apocalíptico, é um mundo completamente destruído. Há problemas muito grandes de escassez e de recursos. O mundo pós-guerra é aquele que acabou de ver a selvageria humana. Portanto, é um mundo que começa a tentar se recuperar da incivilidade. A geração pós-guerra nasce dessa vertente. Essas são pessoas para quem a noção de felicidade é algo em que não pensam muito. Essa geração é sobre estabilidade, dinheiro, estão preocupados com a parte financeira. Eles querem um ambiente de paz para se desenvolver.

### **3.2. A Geração X**

Os filhos deles, nascidos entre 1960 e 1980, são a geração X. A geração X não viu a guerra, pois já são bem mais novos. Eles estão observando a Guerra Fria, em que há a iminência da guerra. Para eles, seus pais são chatos, só vivem falando de estabilidade, de concurso público, enquanto as pessoas dessa geração dizem: 'Eu quero saber de felicidade, eu nunca vi felicidade'. Eles odeiam os pais deles, são ressentidos com os pais. Eles falam: 'Meus pais são amargos na vida, só vivem para trabalhar, são pessoas que não têm curiosidade'. Geralmente, é assim. Eles são meio amargos com os pais, não gostam muito deles. Eles são a geração que começa com essa história de buscar a felicidade. A gente já falou sobre isso. O que acontece com quem busca felicidade? Fica descontente. Sabemos que a felicidade não é algo que possa estar ligado à busca. Então, essas pessoas são duplamente ressentidas. Elas são muito ressentidas.

### **3.3. A Geração Y**

Depois, temos a geração Y, que compreende as pessoas nascidas entre 1980 e 2000. Essa é a geração dos *millennials*. Eles são filhos dessas pessoas

que começaram a buscar a felicidade a todo custo e que tentaram fazer uma transição entre o amargor e a doçura que, do ponto antropológico, não deu muito certo. Os *millennials* estão tão distanciados da geração dos seus avós que começam a pensar excessivamente em felicidade. Eles são hedonistas e entendem que precisam ser felizes a todo custo. Eles também começaram a buscar o prazer a todo custo, a tal ponto de terem caído na armadilha do egoísmo. Eles se mantiveram como as crianças são, eles só se importam com o que é o seu bel prazer. Portanto, os *millennials* geralmente são pessoas ligadas a essa parte do prazer e são muito hedonistas. Claro que são também - e eu me incluo nessa - pessoas que revolucionaram o jeito de trabalhar. A internet é uma ligação que nunca foi antes vista na humanidade. Essa geração tem o início de todos os trabalhos que estão ligados à internet. É algo bem interessante. Essa também é a geração que começa a pensar na felicidade acima das posses. Eles falam: 'Nem sempre a posse é algo que vai trazer o que eu quero'.

O que aconteceu com a geração X, que são os filhos da geração pós-guerra? Houve uma explosão de divórcios. Então, em sua maioria, os *millennials* são filhos de pais divorciados. Claro que não é regra, mas é muito comum isso. O que acontece quando os pais se divorciam? A figura masculina, quase sempre, foi retirada do cenário. Isso cria uma instabilidade. Você perde o senso de pertencimento, você perde a estabilidade, você não se relaciona bem com o sexo oposto. Geralmente é isso que acontece. Já teve gente que se ofendeu quando eu falei. O meu intuito não é ofender ninguém. Eu estou tentando simplesmente ler um fato, um número que aconteceu. Tem gente que se ofende porque ainda dói o fato de ter os pais divorciados. Mas isso é uma realidade. Não podemos fugir da realidade sob nenhuma hipótese, caso contrário, não evoluímos.

### **3.4. A Geração Z**

A geração Z engloba as pessoas que nasceram a partir dos anos 2000. Essa geração já nasce num mundo completamente conectado, online e virtual.

Qual é a principal característica do mundo virtual? O mundo virtual é etéreo, é imediato. É um mundo que muda com muita facilidade, assim como a cabeça dessa geração. A geração Z é muito imediatista. Se em um segundo a conexão da internet não pega, ela reclama horrores. Se o Ifood atrasa cinco minutos - a pessoa que já não precisa mais ir ao mercado, não precisa cozinhar, não precisa limpar - reclama horrores. Acima de tudo, eles são imediatistas. Claro que as pessoas dessa geração também elevam ainda mais o jeito como trabalhamos. Há mais tempo poupado e isso é ótimo, porque se não gastamos mais tanto tempo trabalhando, podemos olhar para o que é realmente necessário.

Nossos antepassados passavam, deliberadamente, de 16 a 18 horas por dia na lavoura. Por isso, eles tinham muitos filhos. Naquela época, crianças de cinco anos de idade já estavam ajudando. Afinal, quanto mais mãos, melhor. Durante uma época da humanidade, passamos, provavelmente, trabalhando excessivamente.

A geração Z, cujas pessoas agora têm até vinte anos, elevou o patamar desse trabalho. Na verdade, quem fez mesmo isso foram os *millennials*, que são aquelas pessoas que têm mais de 20 anos. Foram essas pessoas que mudaram a forma de trabalhar, que desenvolveram aplicativos e que tornaram tudo mais automático. Isso tem um lado bom. Agora, não perdemos mais tempo com o que não é totalmente necessário e começamos, também, a olhar para o que realmente é necessário.

É o que está acontecendo nos Estados Unidos e, em alguma medida menor, na Europa. Começa-se a olhar para a espiritualidade, a tentar ver as coisas de uma outra forma, a tentar ajudar. Evidente que ainda existem muitos erros na Europa e nos Estados Unidos em relação à sociopolítica. Há muitos problemas - e esse é o tema da próxima aula. No entanto, eles já resolveram essas questões de papel social.

Os *millennials* são uma geração muito mimada. Eles são pouquíssimo resistentes aos sofrimentos, sejam estes quais forem. Eles não têm resiliência. Inclusive, esse foi um termo criado recentemente exatamente para poder

ensinar ao jovem a ser um pouco mais resistente à dor, para ensiná-lo a manter o comportamento correto apesar das adversidades, para ensiná-lo a não se curvar perante a primeira dificuldade.

A geração dos *millennials*, dos nascidos entre 1980 e 2000, é muito mimada. Eles são os filhos daquelas pessoas que vivem buscando a felicidade a todo custo e que caíram para o hedonismo. O hedonismo é amplificado na geração Y e apresenta consequências para a geração Z. Como são as crianças hoje? Como são as crianças que nasceram dos anos 2000 para cá? Qual é a consequência dos filhos egoístas e mimados? Eles são etéreos, pueris e eu não diria nem que são líquidos, pois líquidos é demais, eles são gasosos. É uma geração de pessoas completamente imediatistas e muito ligadas ao seu próprio conforto. Também há a parte boa. Eles se ligam muito bem e já não são tão ressentidos quanto os outros. Os seus pais já são pessoas mais *zen*, adeptas à terapia, que evoluíram e que não são tão duras como era antigamente.

Todas essas gerações têm ambiguidades. É o dual. As gerações apresentam as vantagens e as desvantagens. Hoje, o grande medo do *millennial* é essa falta de resistência e de resiliência. A moleza, a morosidade deles. Qual o grande problema hoje? Eles se suicidam. Se algo não for exatamente como eles pré-determinaram, eles se suicidam ou entram em uma grande crise patológica. Isso é sinal da falta de resiliência, também. O mundo não piorou para aumentar a doença mental. Não estamos em guerra.

#### **4. POR QUE O SOFRIMENTO É IMPRESCINDÍVEL**

##### **4.1. A Relação entre o Sofrimento e o Prazer**

Vocês recordam que eu falei sobre o nosso mecanismo de prazer dopaminérgico? Lembrem que eu disse que a pessoa precisa necessariamente passar por um esforço, senão entra em tolerância, se vicia perante o prazer e perde a capacidade de gerar prazer? Nós falamos sobre isso. Esse é o mecanismo de qualquer vício. Esse mecanismo serve tanto para doenças quanto para crianças que estão entediadas. Isso é uma dica para compreensão dos *millennials*. Eles se suicidam porque não têm a sensação de resiliência, a

sensação de resistência. Os *millennials* não conceberam a ideia de que, primeiro, precisamos sofrer para, depois, chegar a um momento de prazer.

Há vários escopos da simbologia do sofrimento. Podemos falar, por exemplo, que o sofrimento é inerente à vida, porque nós somos mortais. *Memento mori*, o conhecimento da morte. Quando sabemos disso, sabemos que nosso corpo vai ficar decrépito, que vamos declinar fisicamente. Só isso gera algum desconforto. A consciência da morte é algo assustador a ponto de que eu possa edificar a minha vida. Para fazer isso, assim como na Bhagavad Gita, assim como em tudo que gera movimento, é preciso sofrer, é preciso esforço. Por exemplo, precisamos do esforço e do sofrimento gerado pela sombra, que empurra a pessoa em prol de algo que deseja, em prol do arquétipo da perfeição. Afinal, o esforço é sofrimento. O esforço é sofrimento e eu preciso do esforço para obter prazer. Quando você sabe disso, a vida ameniza, você já não sofre tanto. Você entende e aceita que precisa se esforçar.

As pessoas falam: 'Poxa Bruno, para você dar uma aula dessas, você lê bastante'. Por incrível que pareça, eu detesto ler. É uma dificuldade, mas eu entendi que o esforço é necessário para qualquer jornada, qualquer uma. Uma criança, quando aprende a andar, está fazendo um esforço gigantesco. Quando uma pessoa dirige um carro, é um esforço gigantesco da mente, até que se torna extrapiramidal e fazemos isso no automático. Um dos problemas dessa geração é não vincular o esforço ao prazer. Então, a partir do primeiro momento em que existe uma frustração, a partir do momento em que uma ideia vem a sua mente, cria uma expectativa irreal e essa expectativa não é cumprida do jeito que a pessoa gostaria, essa pessoa ou se suicida ou fica muito doente. Esse indivíduo não capacitou a mente dele.

#### **4.2. Os Pais dessa Geração**

Nesse ponto, eu faço uma crítica à psicologia. Evidente que não são todas, mas, principalmente a psicanálise, tende a manter a pessoa nessa esfera da aceitação, da amorosidade. A pessoa fica visitando os próprios traumas e permanece na esfera de aconchego, que é extremamente o oposto ao mundo

do João de Ferro, que é o mundo que impulsiona a pessoa para frente. A pessoa fica nessa esfera de aceitação e tem o respaldo da psicologia para isso.

A psicologia busca constantemente evitar os traumas. Qual o resultado? Bom, aquela geração de pessoas amarguradas, cujos pais são a geração do pós-guerra, e que buscam felicidade a todo custo, trata o seu filho da seguinte maneira: 'Filhinho, você pode tudo. Você não precisa fazer esforço. Papai dá tudo para você. Mamãe resolve tudo para você. E você vai ser amado mesmo se estiver surrando seu professor'. Ou seja, há total aceitação aqui. A pessoa não precisa fazer grandes esforços. Soma isso ao mundo do divórcio que gera uma culpa interna nos pais, às vezes até de forma inconsciente. Os pais se separam e tendem ainda mais a atribuir sofrimento ao filho. Pronto. Os pais não viram líderes, os pais não orientam, os pais não o levam ao mundo das frustrações e muito menos ao mundo da tolerância ao sofrimento, ao mundo da resistência e do desgaste.

E aí você tem os *millennials* nessa panela de pressão. É muita pressão, é um problema para eles. Então, os *millennials* são muito pueris. É um problema, um cuidado que é preciso ter. Eles se cortam muito. Uma das forças presente neles é a força de se tornar um adulto, a força de ser dono de si mesmo, autônomo, autossuficiente. Isso pulsa neles, mas eles não sabem ainda. Isso gera uma dor, gera um sofrimento, que, às vezes, quando as coisas não são exatamente como eles esperavam, acaba nessas frustrações. É o quarta camada: sempre que algo no meio externo não funciona como eles determinam, o meio interno é abalado. É o oposto dos estoicos e é o oposto do mundo masculino.

É preciso tomar muito cuidado com essa geração, porque a pauta dela é o marxismo cultural. Essa também é a pauta dos *millennials*. O marxismo cultural surge e ganha muita força exatamente por conta desses buracos que foram deixados desde a geração do pós-guerra. Isso é algo que soma um tempero à trama.

### **4.3. A Globalização e a internet**

Nós temos a globalização. Sinceramente, eu não tenho uma opinião formada sobre isso. Os autores que eu li acabam descambiando muito para economia e política e eu ainda não consigo fazer uma boa análise, do ponto de vista psicológico, acerca desse assunto. No entanto, é algo que está acontecendo. A civilização está se tornando uma só. Isso pode ser muito positivo, mas pode diminuir o senso de sentimento de pertencimento. É preciso tomar um certo cuidado com isso.

Ademais, com o advento da internet, há a tentativa frágil e inútil de substituir o calor humano, de substituir as relações físicas, onde eu estou vendo o ser humano. Esse olhar, de uma certa forma, é uma ameaça para mim. Esse olhar é uma imposição. Esse olhar são aquelas paradas das quais viemos falando. De uma certa forma, funciona como um controle. Além disso, eu tenho que tomar cuidado com toda minha postura diante de vocês, a velocidade das minhas palavras, o volume da minha voz, os tons, os apreços, os toques, isso tudo vai ser importante e, no mundo da internet, não se aplica. Essa geração já nasce nesse sistema online, conectado.

### **4.4. A Formação e a Informação**

Qual é o outro grande diferencial deles? Olha que interessante isso. O papel da escola era duplo. O papel da escola é formar e informar. Formar era restrito aos adultos, aos pais. A escola, por outro lado, ensinava o conhecimento. Acontece que essa geração nasce com o celular na mão. Todo conhecimento do mundo já está na mão dele. Ele não quer perder tempo numa escola buscando informação. Resta o buraco da formação, que é do que estamos falando nesse curso. A escola até pode e deve ser coadjuvante nesse papel, mas essa geração tem pavor, ojeriza, nojo de você ficar embutindo informações. Eles já perceberam que não é preciso. Eu mesmo, quando era criança, não conseguia entender por que precisava fazer os cálculos sendo que eu tinha uma calculadora. Não havia internet, não havia celular, não havia nada disso. Você pode argumentar que eu precisava fazer os cálculos para

aprender a raciocinar. No entanto, hoje nós sabemos que existem métodos muito mais eficazes para ensinar a raciocinar, como, por exemplo, tocar piano, jogar xadrez, lutar jiu-jitsu. Eles já tem a informação na mão e passa a não fazer muito sentido. O que eles mais prezam é pela formação. Isso eles não têm. Antigamente, havia os desenhos animados, que levavam à jornada do herói. A nossa própria cultura, grega, foi pautada pela *Ilíada* de Homero. Tivemos muita afinidade com os sumérios. O Gilgamesh, o primeiro grande herói da humanidade. O Bhagavad Gita do Oriente era o grande e poderoso guerreiro, era o grande herói.

Por exemplo, o arquétipo do Leônidas. O arquétipo do Leônidas<sup>1</sup> é interessante. O Leônidas é o arquétipo do guerreiro. Depois, ele passa para o arquétipo do Imperador e, por fim, chega no homem sábio. Percebam como é o Leônidas. Ele respeita as mulheres? Ele não desrespeita. O Leônidas pede a opinião de sua mulher antes de tomar qualquer atitude. Ele fala: 'As minhas mulheres não vão se tornar escravas. Em Esparta, ninguém vai se tornar escravo. Eu respeito'. No livro "Os portões de fogo", Leônidas escolhe os guerreiros dele e eles já sabiam que iriam morrer. Os 300 são um ato de sacrifício perante a civilização ocidental, se você for parar para pensar. É um ato de pleno sacrifício, assim como as outras grandes histórias judaico-cristãs foram pautadas em sacrifício. A gente já percebe que, para se ter algo grandioso na sua vida, você vai precisar do sacrifício. A história do Jesus Cristo é assim. A história do Buda é assim. A história do Leônidas é assim. A história de Gilgamesh. Todos os heróis de mil fases do Joseph Campbell tem sacrifício no meio do caminho. Faz parte do herói. O Leônidas escolhe os guerreiros sabendo como seriam as mulheres. Ele pensa: 'Esparta vai precisar que essas mulheres sejam as mais fortes do meu Império, da minha cidade'. Então, Leônidas não escolhe os guerreiros pela força, porque, teoricamente, todos os guerreiros espartanos eram iguais. Leônidas escolhe os guerreiros que iriam morrer pelas mulheres. Ele respeita as mulheres. Ainda assim, ele vai lá no Oráculo e pede sua opinião. No filme, o Oráculo é corrompido. Na história, não

---

<sup>1</sup> Rei e general de Esparta (540 a.C. - 480 a.C.).

tem nada sobre isso. Portanto, trata-se de um homem muito sábio. O Leônidas, na história real, tinha 64 anos, não era o garotão que nem no filme. Se você vai em Termópolis na Grécia, está lá, está escrito. Incrível. Uma história de sacrifício.

Essa geração não tem isso contado, nunca viram a história de um herói. Qual o herói de hoje em dia? Eu vejo o meu sobrinho assistindo aos desenhos e fico apavorado com o que vemos ali. Por exemplo, os irmãos Neto. Cadê a jornada do herói? Cadê a hombridade? Cadê o arqueiro de "A caverna do dragão"? Cadê o Lion do "Thundercats"?

A simbologia do Lion é sensacional. Ele tem uma espada pequena que se transforma em um grande espada. E só assim ele tem o poder da espada. Ou seja, é igual ao João de Ferro. O Lion é uma criança que viaja no tempo e vira um adulto, grande. É o homem que não amadurece. No primeiro episódio, quando começa a jornada dele, ele é o Peter Pan. O Tygra é o superego do Lion, é o ser espiritual, ele não tem nem mais forma, pois já morreu, é um espírito. O Tygra vem e fala para o Lion: 'Essa espada é o teu símbolo da justiça. Essa espada é o teu destino'. É a saga do herói. Podemos até dizer que essa espada é o símbolo da masculinidade, é o falo e que quando ele se torna poderoso, ou seja, quando ele se torna mais homem, ele também aumenta sua capacidade de ajudar os outros. O Lion luta contra o mal. Como é o mal? É igual à mitologia de Ísis, Osíris, Seth e Hórus. O mal é decrépito e fica espreitando, é o Mumm-Ra. Mumm-Ra pede ajuda para se tornar uma forma física. Até então, ele não é físico. Isso pode acontecer. São os grandes perniciosos da nossa sociedade. Ele evoca os espíritos do mal para se tornar uma forma física e aí consegue combater o Lion. O Lion está sempre naquela dualidade, mas é justo, é virtuoso. E, junto com a espada, pode ver a visão além do alcance. O Lion se torna uno com o destino dele. Com a espada dele e sob a tutela do espírito do Tygra, o Lion consegue promover a justiça, a proteção e boas ações. Mas só no momento em que ele se torna um. O que aconteceu ali? Ele foi para o mundo do João de Ferro, ele abarcou essa ideia e se tornou um homem, ou seja, a espada pequena que se tornou grande. Aí ele realmente tem o poder de

combate. No último capítulo, o Lion vê uma espécie de Deus, um Ser superior, o qual lhe fala: 'Nesse último combate contra o Mumm-Ra, você não vai usar nem a garra e nem a espada. Esse é um combate à moda antiga". O que ele quis dizer ali? Ora, ora, se não é Bhagavad Gita. É um combate mental. Ele deixa todas as armas e vai só com a mente. Lion luta contra o Mumm-Ra na mão. Eu não vi a continuidade, mas, evidentemente, assim como Bhagavad Gita, você só precisa escolher um lado para terminar. Você vai ganhar, você só precisa escolher o lado. Isso é a primazia da formação de uma criança.

Essa geração não tem mais isso. É uma geração hedonista, sem grandes esforços. Quando você vai ver esse rapaz do Youtube, o que eles são? O que eles poderiam ser? Eles ficam brincando e afagando o lado hedonista sem nenhum tipo de esforço. Que perigo, hein!

#### **4.5. O Secularismo**

Para finalizar, há ainda uma outra grande coisa que acontece. Depois das duas Guerras Mundiais e da globalização, há o secularismo. Com o secularismo, paramos de falar sobre isso que estamos falando aqui. Nós paramos na mente, paramos na hora que o cientista nos manda parar. Como já conversamos, uma sociedade perfeita apresenta quatro esferas, as quais se aproximam no futuro. A sociedade ideal, platônica, toda ela se converge na política, na arte, na ciência e na religião. Perdemos o fator religião. O fator política, nós odiamos. A arte, nós sequer sabemos o que é. Agora, achamos que um penico é arte. Isso é sensacional. Scruton que o diga. Nesse momento, nos desligamos e colocamos um cientista, um pós-doc, como um Deus. Essa pessoa está fazendo o trabalho dela e eu a admiro. O trabalho dela é importantíssimo para a nossa sociedade. O trabalho do cientista é provar o que é real e o que não é.

Cada uma dessas quatro paredes da sociedade ideal tem um arquétipo de perfeição.

O arquétipo de perfeição da arte é o belo. A arte, de alguma forma, tem que ser bela. Existe a arte que protesta contra o que está acontecendo e a arte

que tem dentro de si o terror, o horror. Uma pessoa sofrida não vai fazer algo belo, bonito, estético. No entanto, ela faz algo sublime, algo que inspira até terror e que, de alguma forma, inspira a sua atenção e enaltece algo dentro de você. O soberano da arte seria a edificação da sociedade.

O arquétipo da perfeição da religião é o bom. O máximo da religião é quando é boa. Religião, re ligare, vamos religar ao que é bom, trazer o bom dentro de você.

O arquétipo da perfeição da política é a justiça. O ideal é que a pessoa fosse justa. Teoricamente, a pessoa que hoje lidera não tem vida. Ela vive para o resto da sociedade. É uma vida de pleno sacrifício. Deveria ser assim. E até bom que a pessoa tenha, por conta disso, alguns benefícios. Segurança, dinheiro, uma boa casa. Eu quero que a pessoa ganhe bem, porque ela vai ter que doar a vida se for necessário. Esse é o líder. Como é o alfa de um lobo? É o primeiro a dar a mordida no bisão. Às vezes, ele vai para os ares. Ele tem alguns benefícios. Ele é o que copula, o que come as melhores partes da carne, mas ele é também o que abre caminho, o que morre antes. O desgaste é muito grande.

O arquétipo perfeito da ciência é ser verdadeira. Então é ótimo que exista o pós-doc. Ótimo que haja cientistas que estão evoluindo a humanidade. Mas a parede deles, teoricamente, é tão importante quanto as outras.

Os arquétipos são o bom, o belo, o justo e o verdadeiro.

Quando estamos formando a criança, temos que ter as mesmas aptidões, as mesmas características de um discípulo. Um discípulo que tenha, também, os dotes da investigação e da devoção. Ele precisa ser uma pessoa que quer aprender. É interessante que você crie isso no seu filho. Que ele seja uma pessoa investigatória, uma pessoa que queira entender por quê. Ao mesmo tempo, que seja uma pessoa devota, a não perecer na primeira dificuldade, e disciplinada. 'Eu não quero brincar o dia inteiro. Eu sei que uma ou duas horas do dia, eu preciso dar um pouco de atenção ao que eu venho fazer'.

O secularismo é quando nos desconectamos dessa sociedade, principalmente na esfera religiosa. Tem algumas pessoas que tem ojeriza à

palavra religião. Não tem problema nenhuma. Nesse caso, falamos sobre tudo que a mente não consegue ver. Inclusive, o mundo das virtudes. Ora, virtude nenhuma é explicável cientificamente. Não faz sentido. Para mente racional, não faz sentido algum. Você faz por alguma coisa que você acredita. Se isso não é espiritualidade, eu não sei mais o que é. Quando falamos em espiritualidade, tem muitas pessoas que tendem a achar que estamos falando sobre nuvens que voam e que tem consciência. Isso aí pode ser ou não. Ou também sobre a credulidade do que acontece antes ou depois da morte. Ou se existe céu e inferno, se existe um Deus que castiga ou não. Isso são dogmas da religião e que tem um porquê deles existirem. Tudo tem um porquê.

Eu não sei se vocês perceberam, mas na ascensão do ser humano existe um movimento de estar tudo disperso, você condensa e depois espalha de novo. Percebe isso? Eu vou tentar explicar melhor. A criança é totalmente dispersa, incoesa, emocional. Você condensa aquilo. Você fala: 'Agora eu sei quem eu sou, o que eu devo fazer, eu conheço minha força, eu sei, mais ou menos, o que eu posso e o que eu não posso, o que eu devo e o que eu não devo'. Qual é o próximo passo? Entregar o que você tem para a sociedade. Isso faz com que a sociedade se fortaleça. Então, faz uma ampulheta. Esse símbolo é de uma ampulheta. Você entrega e se adequa.

Antes do menino João de Ferro voltar para sociedade para começar seus pontos, ele precisou passar por uma condensação própria dele, para depois começar a entregar os valores sociais. Sem isso, teria outro caminho? Eu não conheço. Seria o caminho monástico, que eu não sei exatamente para o que serve. Talvez sirva para muita coisa, eu não sei. Talvez esses seres estejam meditando e mudando um padrão vibracional do mundo, eu não sei. Eu realmente não conheço. Mas eles não se adentram ou não se adentram naquela determinada fase da vida na qual estão em mosteiros e viram monges. Mas eles estão ganhando muito pessoalmente também. Eles têm todas as disciplinas de horário, de comida e de virtudes, que, depois, podem ser amplamente utilizadas na sociedade como uma grande contribuição.

## PERGUNTAS

- 1) Eu não sei de onde veio esse conceito, mas a ideia de que tempos difíceis tornam os homens mais fortes. E os homens mais fortes criam filhos de uma maneira mais tranquila, em tempos bons. E os tempos bons acabam corrompendo os próximos homens, que acabam se tornando homens fracos. Os homens fracos acabam fazendo tempos difíceis. Isso é um ciclo. Você concorda com isso?

Concordo terminantemente com o segundo adendo. Quando falamos sobre ciclos, não podemos falar que é exatamente um círculo concêntrico. Sempre melhora um pouquinho. Existe a possibilidade de, por exemplo, uma pessoa ser tão má ou tão inadvertida, tão ignorante a ponto de provocar uma guerra, uma guerra tão cruel a ponto de que esqueçamos da própria civilidade. Aí a gente regride. Esses homens que uma vez experimentaram as camadas superiores, jamais vão esquecer. Eles não voltam a ser incivilizados, mas eles vão morrer eventualmente. Então teria que ser algo longo. E os que não viram, os que não tiveram contato com a sabedoria, esses a gente não sabe como viriam. Portanto, o ciclo, teoricamente, existe. Por isso que eu estou aqui. Nesse tempo que consideramos fácil, por incrível que pareça, no Brasil, ainda tem muita gente que está em tempos difíceis. A gente tem uma gama de pobreza muito grande. Depende para quem estamos falando. Para maioria das pessoas, ou, pelo menos, mais da metade, diria, definitivamente estamos num tempo fácil, gerando homens difíceis. Esses homens difíceis vão dar problemas para nós no futuro, se não conseguirmos educar. Se conseguirmos formar a consciência e lembrá-los do que realmente importa, eles jamais vão dar problema. É o que estamos fazendo. Estamos espalhando uma semente, na qual está escrito: 'Esse caminho já aconteceu, você está errado, acredita, o caminho é mais ou menos por aqui'. Começamos a tentar, usando a própria sabedoria, servindo de inspiração, evitar com que isso se torne mais um ciclo e longo, porque esses ciclos geralmente são longos. Não tem jeito.

- 2) Quando distorcem ou destróem o significado dos símbolos e das tradições, isso acaba separando sentimento de grupo, destruindo. E aí

também me leva a outra coisa, que como a Índia, e acho que a China também, está afastada da globalização, ainda deve ter aquele sentimento de grupo, porque eles estão muito ligados às tradições deles. Mas eu queria que você me falasse sobre a questão da destruição dos símbolos.

Na verdade, símbolos nunca foram destruídos. Temos um afastamento da leitura dos próprios símbolos, mas esse aplicativo é de fábrica. Isso aí nós só temos que desbloquear. Para desbloquear símbolos, se você um dia quiser entender simbologia, na verdade, tanto arquétipo quanto símbolo já vem todos na nossa mente. Se eu falar aqui 'o velho sábio'. Pronto, brotou na tua cabeça. Se eu falar 'condensação do mal'. Você vai imaginar o demônio do Gandalf dos Senhor dos Anéis, você vai imaginar o Vingador. Esses arquétipos já estão prontos na nossa cabeça. Só que não os acessamos porque estamos muito presos na mente racional. É outra mente que faz isso, é a mente sábia. A mente sábia consegue ler os símbolos. Conforme você vai lendo os símbolos, você vai abrindo um leque de possibilidades. Por exemplo, quando eu começo a estudar filosofia - e aqui, na minha aula, achei que falei pelo menos trinta símbolos -, isso é natural, porque você começa a ver simbologia em tudo. Só que antes você precisa entender um pouco do que é cada símbolo da filosofia. Quando eu falo sobre a vagina e o pênis, vocês falam: 'meu deus! É verdade'. Vocês tiveram essa mesma sensação? A vagina é o acolhimento, o pênis é o que entra. Tudo que penetra é masculino. Não sei se vocês têm essa sensação. Às vezes, a pessoa realmente não vê. O Yin e o Yang. Dentro da luz, há um ponto de obscuridade. E lá na obscuridade, não é totalmente obscuro, há um pontinho branco, há um pontinho de luz. A gente fala: 'Se eu quiser um dia a luz, eu tenho que expandir aquele pontinho e não exterminar o ponto negro que está no meio. Eu expando o pontinho de luz, de conhecimento, de sabedoria'. Quando você vê símbolos, a sua mente começa a desbloquear. Mas antes você tem que ter uma base de filosofia. Sem ela, você não vai entender muito bem os símbolos. Tanto é que eu falo sobre *Thundercats*, Caverna do Dragão e esses outros desenhos que todo mundo assistiu, mas ninguém sabe do que eu estou

falando. Ninguém nunca tinha visto a espada do *Lion* como a visão além do alcance. A gente era criança, talvez. O próprio Bhagavad Gita, que é uma simbologia de uma batalha mental. Jung fala de inconsciente coletivo. Ele diz que tudo que está na tua mente, está na tua mente, está na minha mente, na mente de todos aqui. Como? Através desses arquétipos, desses símbolos. Ele desenhava e tal. Jung falava que tudo está lá. Tudo. Szondi disse que era mais específico. Tudo que a sua família experimentou, os traumas e as alegrias e toda essa carga emocional, também está no seu quadro genético. Isso faz com que você tenha uma herança genética psicológica. São duas visões de uma coisa só. A mente sábia consegue ver os símbolos. Quem consegue manter a tradição dos seus povos, por exemplo, você falou de China?

Aluna: China, Índia, mas também o nordeste do país, as tradições...

É uma tradição mais recente, mas tem. Se a gente tem o inconsciente coletivo e, opinião pessoal, temos e muito, existem formas de nós o acessarmos. Não é tão simples, mas existem. Quando você acessa o inconsciente coletivo, você vê o que o outro amiguinho vê, o que a outra pessoa desenhava e que era o símbolo de uma nação não sei de onde. Se você mantiver esses símbolos e essas tradições vivas, claro que você não bloqueia esse aplicativo de fábrica, que é a leitura da simbologia. É evidente. É melhor que você faça isso. A cultura paulista de viver entre os prédios não está embasada ainda. É uma falta de conexão, de uma certa forma, com o que é divino. Claro, você se conecta com outras pessoas, mas não é a mesma coisa. E a gente não tem ainda o histórico de tradições e de ritos de passagem. Isso faz com que a nossa sensibilidade para os símbolos defina um pouco. Mas, se você quiser um dia dominar a simbologia, a primeira coisa que você tem que fazer é estudar bastante filosofia, porque eles aparecem, principalmente quando você entende um pouco da mitologia. Vamos falar disso na aula seguinte.

- 3) Mais antigamente, principalmente no tempo das artes, as crianças eram colocadas à prova muito mais cedo do que hoje. E, aparentemente, apesar de hoje ter muito mais tecnologia, se tinha grandes feitos. D. Pedro era super jovem, enfim. A que tu atribui isso? Havia uma maior

formação no passado, hoje tem muita superproteção dos pais ou ao que tu atribui mais essa questão? Os grandes feitos, no sentido de feitos que impactam a sociedade até hoje, serem realizados por pessoas tão jovens, no passado. Hoje em dia, isso não parece seguir. Nossos jovens parecem que ainda são crianças. Parece que se postergou, sabe?

Na aula anterior falamos um pouco sobre isso, que era a criança de maturidade. Isso definitivamente já conseguimos identificar, que as pessoas estão correndo da maturidade, correndo da responsabilidade, como a gente até falou isso. É algo que a gente evita porque não conhecemos os grandes prazeres de você ir lá com o João de Ferro. A gente não conhece os prazeres da adultividade. Não se fala muito sobre isso. Mas, é acho que é uma questão de percepção. Nós temos jovens brilhantes, superprecoces, fazendo coisas incríveis pelo mundo. Temos que nos atentar a eles, porque, talvez, não seja algo tão difundido. As criações hoje também têm um pouco mais a ver com o mundo que a gente vive. Talvez sejam criações de empresas, de ideias. E a arte passa por uma crise também. É um pouco mais difícil vermos grandes obras. Agora, do ponto de vista espiritual, místico, vamos dizer assim, definitivamente, a gente já teve períodos de grandes gênios que apareceram na humanidade. Por exemplo, há 2600 anos, nós tivemos um *boom* de grandes líderes. Teve Confúcio, Lao Tzu, Sócrates e por aí vai. Aristóteles, que foi discípulo do Platão, que foi discípulo de Sócrates, discípulo do Zenão. Você teve uma explosão da filosofia. Você teve os grandes líderes religiosos. Claro, nessa época, a criação helênica era gigantesca. Era uma coisa muito bonita, uma coisa muito rara. A criação das pirâmides, que não sabem a data exata, mas mais ou menos há cinco, oito, dez mil anos. Já tivemos essas pequenas explosões. No século 18, tivemos até a explosão da música clássica, com grandes criações que até hoje a gente vê, mas não é igual. A gente não vê mais ou, pelo menos, a gente não tem conhecimento. Talvez exista. A verdade é que talvez seja uma questão de erro de percepção. Talvez existam grandes pianistas, mas a verdade é que a gente não vê, não percebe. Talvez não exista. Uma coisa que eu sempre fico muito curioso. Não existiu ainda uma coisa mais

bonita de música do que o piano. O violino, o piano, todos são antigos. Não saiu ainda um instrumento que você diga: 'meu deus! Isso é divino'. Parou ali. Algumas coisas, é verdade, não parecem evoluir. Mas, por exemplo, tivemos recentemente um Nikolas Tesla. O que ele fez para humanidade é absurdo. Um Einstein, todas as teorias são absurdas. Temos grande pessoas. Não sei exatamente qual a idade que eles tinham, mas a gente tem na filosofia Julián Marías, por exemplo, que com trinta e poucos anos fez um tratado de filosofia. Isso não é antigo. Com certeza, se fizermos uma boa pesquisa no google, vamos achar grandes gênios criados de qualquer obra dos jovens. Mas o ponto que você tocou é necessário, que é a imaturidade do jovem. O que a gente poderia ter feito, se não fosse essa imaturidade? Ah, é uma história que não teríamos nem como imaginar. Se hoje vemos um ou dois gênios que se propuseram a criar alguma coisa. Imagina se fossem mil, que é uma parcela que hoje está completamente hedonista e drogada. Poxa vida. A gente fica pensando: 'Quem falou para essas pessoas que essa era a melhor forma de ser feliz e como tiramos essas pessoas dessa ilusão?'. Eu vejo que o mundo das possibilidades, o mundo das ideias, o mundo do Platão é sem limites. Então a gente precisa entender que criando a responsabilidade, como um todo, a gente só ganha. Inclusive o senso de felicidade, o senso de busca de preenchimento. Essas pessoas, cedo ou tarde, se deparam com um vazio muito grande.